

LITERATURA

José Sarney conta histórias de pescadores

'O Dono do Mar', novo romance do escritor e presidente do Senado, traz lendas do Maranhão

CARLOS GRAIEB

Ilustre representante da linhagem de escritores-políticos no Brasil, José Sarney lançou nova obra. Já chegou às livrarias, pela editora Siciliano, *O Dono do Mar* — romance que o presidente do Senado levou dois anos para redigir, mas toda uma vida de coleta "causos" de pescadores maranhenses para tornar possível. O mar é o capitão Cristório são os personagens principais da história, que também usa e abusa de mitos e fantasias da cultura popular. Em entrevista ao *Caderno 2*, Sarney — que também é membro da Academia Brasileira de Letras e autor de outros livros como *Norte das Águas* e *Marimbondos de Fogo* — fala de seu caminho "entre as vocações de escritor e político".

★
Caderno 2 — É realmente possível separar político e escritor?

José Sarney — Escrevi o livro com

absoluta neutralidade, não há nenhuma intenção política nele. A força que o romance tiver é literária — de sua linguagem, de suas metáforas. Eram histórias com as quais eu vinha lidando havia muito tempo. Não podia protelar mais o ato de passá-las para o papel. Aliás, entre as duas vocações, a da política e a da literatura, o que sempre me frustrou foi não poder dedicar mais da vida a essa última. No julgamento dos outros é que os dois papéis de confundem e as pessoas tendem a subvalorizar meu empenho de escritor.

Caderno 2 — Qual foi o processo de construção do livro?

Sarney — Eu tive longos anos de vivência na Ilha do Curucu com pescadores. Quando era jovem, aos 22 anos, cheguei a fazer um ensaio sobre a pesca de curral, uma técnica muito antiga que ainda é usada naquela região. Ao longo do tempo fui também reunindo material de outro tipo: lendas, sinais da passagem dos

holandeses e franceses pelo Brasil. Como intelectual, não poderia desperdiçar todo esse material. Aos poucos foi crescendo o gosto de escrever o livro. Quis primeiro fazer uma coletânea de contos, que ia se chamar *Histórias de Alagação*. Comecei e não parei mais.



Caderno 2 — O personagem do capitão Cristório apareceu logo?

Sarney — Sim, ele é a síntese dos pescadores da região, para os quais a substância vital é mais o mar do que o tempo. O mar é o principal personagem desse livro — um tema que a literatura brasileira só tratou até hoje de maneira secundária. Quem fala do fim da história e da geografia, não leva em conta nosso imaginário, que vê no mar a sedução do desconhecido.

Caderno 2 — O livro explora a sensualidade. Algo de autobiográfico?

Sarney — (risos) Não, nada. Também não há nada de licencioso. Em nenhum momento eu deixei que o erotismo passasse a palavras. Usei metáforas. Celebrei o amor e falei do sexo em um ambiente ingênuo, como uma coisa primária, bela e sem meandros.

Caderno 2 — Recentemente o escritor Diogo Mainardi publicou um romance atacando a tradição regionalis-

ta, na qual o senhor claramente se inclui. Como vê esse ataque?

Sarney — Ainda não li o livro, mas me parece ser um caso de busca de notoriedade pelo inusitado e o vitupério. William Faulkner, nos Estados Unidos, dizia: "Escrevo sobre a minha aldeia e se ela não existir invento uma." A base da literatura é regional. Quanto mais regional, mais universal também. O que importa é a vontade de eternizar pelas palavras a realidade, o cotidiano. Prefiro ficar na boa companhia de Guimarães Rosa.

Caderno 2 — E como o senhor vê as formas mais tecnológicas de produção cultural?

Sarney — Com a globalização somos cada vez mais escravos dos best sellers, da produção cultural em massa. A cultura virou comércio, o terceiro maior produto de exportação dos EUA. Essa sociedade não tem lugar para valores espirituais — e até entendo quando o idealismo da juventude acaba se transformando em nihilismo. Pois eu acho que o que salva o Brasil hoje é cultura popular. Nossa identidade nacional resiste por meio dela. Nosso romance, por exemplo, não é a "epopéia da sociedade burguesa", como dizia Lukács. Daí a força e importância da tradição regionalista. Como poucos países, temos manifestações de cultura popular que são de grandes massas e essa é a base do que se possa fazer de erudito.